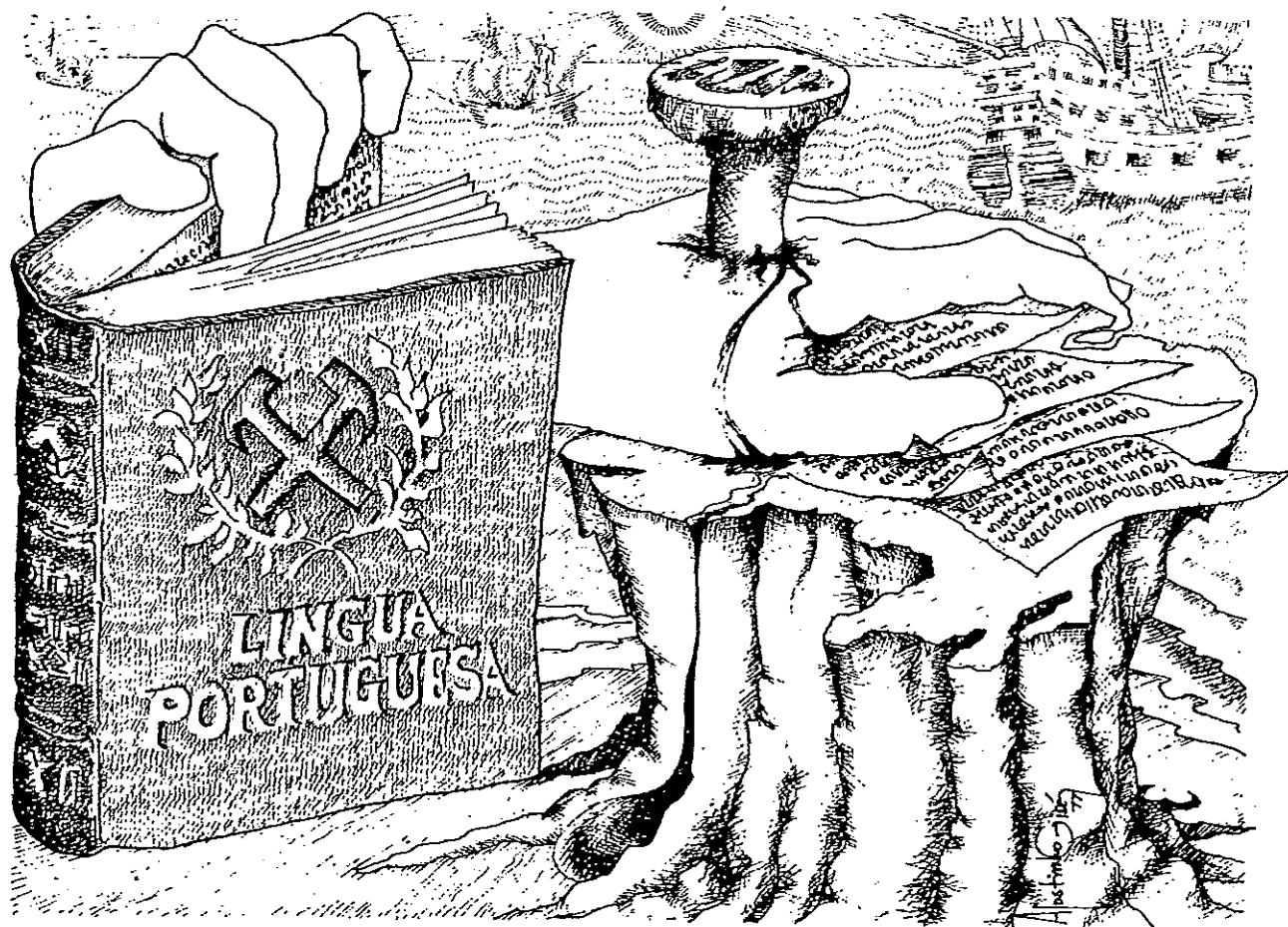


A LITERATURA BRASILEIRA NOS EUA

Roberto Reis



Ernesto Sábato, numa recente entrevista ao jornal «La Nación» (da qual participaram os escritores brasileiros. Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e Fernando Sabino), respondendo à pergunta «a que se deve o desconhecimento da literatura brasileira?», declarava:

«Fundamentalmente, à barreira da língua. Barreira que por outra parte é unilateral, porque, para vergonha nossa, não há brasileiro culto que não leia o castelhano». E concluiu: «Quantos haverão lido Manuel Bandei-

ra, Drumond de Andrade, Cecília Meireles, Murilo Mendes? (...) E tenho a certeza de que deixei de citar importantes prosadores e poetas dos quais simplesmente nunca ouvi falar. Nossa ignorância sobre a litera-

tura do Brasil é enciclopédia: o de uma enciclopédia ao revés. Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lins do Rego, Graciliano Ramos, são aqui quase meros nomes».

A mesma situação (nada animadora) — até onde nos foi

dado observar, em ano e meio de contacto com a vida universitária norte-americana — parece aplicar-se aos Estados Unidos.

Fala-se muito — e estuda-se e lê-se e publica-se artigos sobre — em literatura latino-americana e América Latina mas o Brasil fica de fora (raras vezes mencionando os necessários parênteses). Os professores falam bem espanhol mas nem sempre lêem português ou estudaram, com igual cuidado, a literatura brasileira. «O boom» da literatu-

ra latino-americana só explodiu para os hispânicos (sendo o espanhol como uma 2ª língua nos EUA).

Poucas Universidades mantêm desenvolvidos programas de Português (como Wisconsin, Texas, UCLA, Indiana, para mencionar as que nos ocorrem), e assim mesmo sempre conjugados com o espanhol. Os poucos cursos oferecidos de literatura brasileira são, via de regra, panorâmicos, girando em torno das grandes figuras, como Machado.

Em todos os EUA, somente cerca de 5 mil alunos estudam o português, quando grande parte das Universidades possuem programas de Chinês, Russo, Árabe, línguas eslavas. E parece difícil não reconhecer, ao menos no âmbito da América do Sul, a importância do Brasil e do Português (estamos passando os 100 milhões de habitantes, não?).

Por outro lado, o que se conhece de nossa literatura está restrito, fundamentalmente, a escritores regionalistas, que fascinam pelo seu «exotismo» ou pelos problemas sociais que abordam. Vale dizer que a literatura contemporânea, predominantemente urbana, é totalmente ignorada. Autores como Ayrton Dourado, José J. Veiga, Dalton Trevisan ou João Cabral de Melo Neto não são sequer «meros nomes».

Por exemplo, um livro intitulado «Latin America — fiction and poetry in translation», publicado em 1970, onde são referidas as traduções de literatura latino-americana ao inglês, nos apresenta o seguinte quadro:

1) ANTOLOGIAS — num total de 33 referências, «nove» aludem ao Brasil (Algumas só se dedicam ao Brasil; outras se dedicam à América Latina mas excluem o Brasil);

2) POEMAS — num total de 74 referências, são citadas uma antologia de Drummond, a tradução da «Paulicéia Desvairada» e de um livro de Jorge de Lima. A esmagadora maioria das reduzidas traduções de poemas brasileiros ao inglês, por sinal, estão em forma de antologias ou poemas soltos, não em livro;

3) FICÇÃO — num total de 130 referências, 18 concernem a autores brasileiros (alguns pouco conhecidos; inúmeros bons não mereceram tradução), com destaque para Machado de Assis, Jorge Amado e Érico Veríssimo;

4) CONTO — a parte de conto só inclui cinco contistas brasileiros. Conclusão: o grande desenvolvimento do gênero nos últimos anos não repercutiu nos EUA, em termos de tradução.

Para trazermos outro dado. Numa pesquisa sobre Mário de Andrade e Oswald de Andrade, nos catálogos da Biblioteca do Congresso e da «Modern Languages Association» (nos quais estão arroladas todas as obras e estudos publicados nos Estados Unidos), desde 1965, não encontramos mais que dois ou três ensaios, em inglês, a respeito dos dois modernistas.

E verdade: atraímos pelo «exotismo» — Pelé, samba, carnaval, esquadrão da morte e macumba (que eles chamam de voodoo ou magia negra!) —,

somos para o americano médio a «brasilian jungle». Famos espanhol, cobras venenosas atravessam a Avenida Rio Branco, Brasil: capital Buenos Aires, me indagaram se a maioria de nossa população é constituída por pretos e — acredite quem quiser — perguntaram a um brasileiro se moramos em árvores...

Por isso tudo, temos que dar razão a José J. Veiga, quando disse: «E eu mesmo tenho dúvida se somos «latino-americanos» no sentido que norte-americanos, ingleses e franceses, atribuem à expressão. Somos brasileiros e já não é pouco (ou já não é fácil). A perspectiva é escrever para o público brasileiro, o único que temos 3».

Poderiam argumentar: mas a literatura brasileira é tão pouco conhecida no próprio Brasil! De acordo. Pensamos porém que vale a pena estarmos alertas, seja ou não numa esfera oficial, para o quadro que aqui descrevemos. Pois, como proclama um leitor da revista «Escrita», «a literatura brasileira existe 4».

-«Notas» -

1 «La Nación», Buenos Aires, 30 de maio de 1976.

2 Levine, Suzanne Jill. «Latin America — Fiction and poetry in translation» (New York: Center for Inter-American Relations, 1970).

3 «Escrita» n° 1 (1975), p.6.

4 «Escrita» n° 12 (1976), p.31. Carta do leitor Israel Belo de Azevedo.

O leitor brasileiro poderá estar mais ou menos ciente da situação que expusemos aqui. Efetuamos uma pequena enquete com professores universitários norte-americanos, de alguma forma relacionados com a cultura e a literatura brasileiras para sabermos qual seria a sua visão do problema. O que se segue expressa a opinião de oito professores a respeito destas perguntas:

1) ensino de teoria nos cursos de Letras — sua importância; a crítica literária deve ou não ter uma base teórica?;

2) opinião sobre a literatura brasileira atual e seu conhecimento nos Estados Unidos; qual a idéia que se faz do Brasil, de sua cultura?;

3) o que pensa dos cursos de criação literária, comuns nas universidades americanas? Ajudam mesmo a formar um escritor?;

4) relação entre as literaturas latino-americana e norte-americana contemporâneas.

Prof. NANCY T. BADEN
California State University, Fullerton

A informação com respeito ao Brasil transmitida pelos «mass média» nos Estados Unidos é intermitente e incompleta. Apenas um pequeno número de jornais trazem notícias sobre a América Latina, sendo a cobertura feita por revistas e pela televisão igualmente esporádica. Frequentemente, os índios, o café e a selva continuam sendo os símbolos imediatos do Brasil na mente do americano. Pelé, no âmbito do futebol, a «Garota de Ipanema» representando a Bossa Nova, e «Orfeu Negro» na área cinematográfica substituíram a Carmem Miranda como manifestações da cultura brasileira.

O que é mais importante é que, na visão do americano, o Brasil é sempre agrupado, sem discriminações, com o restante da América Hispânica em termos de sua imagem. As contribuições lingüísticas e culturais do brasileiro e do português não são nem compreendidas, nem reconhecidas. Apesar desta imagem haver melhorado nos últimos anos, os brasileiros ainda são considerados por muitas pessoas, nos EUA, como falantes do espanhol.

A maioria dos escritores brasileiros que foram recentemente traduzidos ao inglês são regionalistas. Os romances

regionalistas podem fornecer ao leitor mais sério uma visão aprofundada da realidade abrangida pela obra. Mas tornam-se um problema para o leitor desinformado, para quem a imagem do Brasil continua presa a índios, café e selva: o fato de se propor a apresentar uma região, levará o leitor americano a concentrar-se nos elementos pitorescos contidos no texto. Se o ambiente fosse mais urbano ou universal, os resultados provavelmente seriam diferentes. Sendo assim, no entanto, a imagem exótica e tropical perpetuada pelos meios de comunicação é reforçada em vez de desfeita.

O Brasil tem dois problemas que não são compartilhados pelos outros países latino-americanos quando se trata da questão de sua imagem nos EUA. Primeiramente, o

idioma continua sendo o maior obstáculo. Em segundo lugar, a vastidão geográfica do Brasil torna parte de sua literatura regional. Ironicamente, em vez de transmitir a riqueza e a diversificação da cultura brasileira, isto pode reforçar a imagem parcial e distorcida que o leitor americano absorve dos «mass média».

Prof. JUDITH BISSETT
Arizona State University, Tempe

1) Embora eu acredite que um curso de Teoria da Literatura deva ser exigido em todo Departamento de Letras, tal não é o caso na maioria das Universidades norte-americanas. Geralmente o estudante inicia um curso de literatura preparado para discutir somente o argumento e a significação histórica de cada texto. Uma leitura crítica competente de um determinado texto, dotada de embasamento teórico, não pode ser considerada negativa. Pelo contrário, só tende a enriquecer a compreensão do leitor. Todo estudante de Literatura deve estar familiarizado, senão apto a praticar, com todos os possíveis enfoques críticos, desde o impressionista ao estrutural. Só então ele pode julgar qual o mais eficaz segundo seu próprio ponto de vista.

2) Eu diria que a Literatura Brasileira não é tão conhecida nos EUA quanto a Hispano-Americana, por razões econômicas e políticas. As Universidades que enfrentam problemas financeiros são forçadas a cortar as verbas dos programas menos procurados (como o de Português). As comunidades de fala hispânica são maiores e possuem maior poder político que as poucas isoladas (usualmente compostas por visitantes) de brasileiros. Por conseguinte, o Espanhol é mais ensinado que o Português. Durante a década de 60 houve um grande interesse nas línguas «negligenciadas» como o Português e foram destinadas verbas para treinar pessoal nestes idiomas. Agora o dinheiro não está mais sobrando. Comercialmente, a literatura brasileira tem recebido alguma atenção — especialmente por meio de traduções de autores como Jorge Amado ou Guimarães Rosa. No entanto, a literatura brasileira necessita tornar-se um indiscutível produto lucrativo para que haja uma aceleração comercial do autor brasileiro. Acredito que o Brasil é ignorado porque, ao contrário da América Hispânica, não possui tantos representantes que vivem nos EUA — a Flórida, por exemplo, tem uma vasta população cubana e o sudoeste uma forte influência mexicana. O interesse crescente na literatura chicana se

estendeu aos escritores hispano-americanos. Borges é algumas vezes incluído em antologias de escritores chicanos. Eu não estou certa de qual seria a solução — talvez uma mais efetiva exportação de esforços intelectuais. Isto possivelmente depende de uma melhor situação econômica nos EUA e mais liberdade política e pessoal no Brasil.

3) Penso que um escritor geralmente nasce escritor, mas ele pode aprimorar seu talento num curso de criação literária. Aqueles sem consciência de um talento inato terão oportunidade de desenvolvê-lo. Os sem talento podem desenvolver-se no processo criativo em geral (No entanto, segundo soube, disseram a James Thurber — hoje um famoso humorista americano —, quando estava no colégio, que ele não seria um escritor).

4) Na minha opinião, ambas as literaturas (norte-americana e latino-americana) revelam uma procura de identidade através tanto da forma quanto do conteúdo. Nos Estados Unidos, esta procura se baseia mais na mensagem, com menor experimentação formal, num abordagem principalmente realista. Na América Latina a procura se caracteriza por uma fusão de realismo e fantasia e inovações na estruturação dos textos. Isto é, naturalmente, uma generalização; mas penso que um estudo comparativo entre «1876», de Gore Vidal, e «Cem Anos de Solidão», de Gabriel García Márquez, poderia ser interessante neste sentido. Outro aspecto: os personagens da literatura norte-americana parecem representar um fenômeno psicológico particular («Cooking for Mr. Goodbar, Couples»), com predominâncias culturais, enquanto na literatura latino-americana os personagens simbolizam mais efetivamente figuras regionais ou culturais, com menos ênfase psicológica («O Sr. Presidente», «Os Passos Perdidos», «Os de Abaixo»). Podem também ser figuras míticas representando a América Latina como um evento histórico e cultural. (Estas são opiniões genéricas, que teriam que ser necessariamente comprovadas por meio de um exame mais aprofundado de ambas as literaturas.)

Prof. CANDACE SLATER
Dartmouth College, Santa Cruz

Entre especialistas da literatura latino-americana, a relativa ignorância da cultura brasileira deve muito à estrutura da grande maioria dos programas graduados nas universidades norte-americanas. Quase sempre se obriga o estudante adiantado a especializar-se ou na literatura de Espanha e América espanhola ou na literatura luso-brasileira. Embora o crítico da literatura brasileira tenda a conhecer algo da literatura espanhola, o estudante de literatura espanhola normalmente limita-se a um estudo rudimentar da gramáti-

ca portuguesa que não lhe proporciona nenhum conhecimento da literatura do Brasil. Por causa da herança espanhola do sudoeste dos EUA, a proximidade com o México e a presença atual dos chicanos e porto-riquenhos, o mercado acadêmico para o espanhol é muito mais amplo, resultando num número mais alto de especialistas neste campo. São estes indivíduos os responsáveis em grande parte pelo «boom» latino-americano que, na verdade, ainda tem pouco que ver com o Brasil

Prof. WILLIAM M. DAVIS
University of Florida, Gainesville

Cá, na UF (Universidade da Flórida), preparei várias folhas sobre problemas teóricos da literatura a serem usadas como estruturas básicas para a discussão de obras-primas dos autores brasileiros que temos nos cursos, versando sobre o conto, o romance ou a poesia. Usei materiais sobre existencialismo, o fluxo da consciência, uma abordagem antropológica e filosófica das humanidades de T.W. Jones, esboçado no livro «The Romantic Syndrome», o estruturalismo e a semiótica. Enfim, de tudo um pouco, sobre os movimentos contemporâneos que se possa aplicar à literatura brasileira, inclusive até Lukács e Lucien Goldmann, Barthes, etc. Cada obra exige a sua própria crítica, porque as vertentes de cada obra são diferentes, como a sua estética, que deve ser determinada e então aplicada à obra em referência. Mas estou citando mal as idéias de Wilson Martins, que tive como professor num curso sobre crítica literária no Brasil. A resposta à sua pergunta «toda a crítica literária deve ou não ter uma base teórica?» seria mais fácil se a crítica literária fosse uma ciência exata, mas parece que não é, pois até a terminologia em muitos casos deixa muito a desejar em rigor e exatidão.

O fato de não haver uma colônia brasileira poderosa, nem um grupo de luso-americanos que tenha acesso ao poder nas Universidades (exceções há em Massachusetts e Rhode Island), faz com que o português seja estudado por apenas 4.000 estudantes anualmente. E menos ainda se tornam tradutores profissionais. Há poucos tradutores que dedicam todo seu tempo a traduzir livros brasileiros, e ainda menos editores que queiram arriscar-se ao luxo de uma tradução, o que aumenta o custo da publicação de um volume. As exceções, como Knopf e o programa de traduções da Universidade do Texas, não são freqüentes. Não é verdade que a Literatura Brasileira não participou do «boom» da Literatura Latino-Americana nos EUA: — Knopf publicou uma boa seleção de títulos brasileiros, de livros recentes, Assis Brasil e Elizabeth Bishop publicaram uma excelente antologia de poesia brasileira do modernismo para cá, e se Jorge Amado só foi um êxito modesto, e Guimarães Rosa menos, é preciso que mencionemos as traduções — verdadeiras obras de arte — produzidas por William L. Grossman, em «Modern Brazilian Short Stories», e a versão inesquecível que ele fez de «Memórias Póstumas de Brás Cubas» como «Epitaph of a Small Winner». Em muitas universidades americanas, onde nem se contempla estudar a língua portuguesa, Machado de Assis é estudado nos cursos de inglês ou literatura comparada, e a tradução de Grossman de «Memórias Póstumas de Brás Cubas» tornou-se um dos cem livros recomendados pela National Library Association para serem o núcleo de qualquer biblioteca nova no país.

Sendo negligenciado nas universidades americanas, o

português recebeu certo apoio do governo nos anos 50 e 60, quando favorecia mais o estudo de línguas menos estudadas para «a defesa nacional». Infelizmente, sente mais agora o isolacionismo e o aperto da parte do governo, embora os programas sigam a um ritmo desacelerado. Se a língua do Brasil é negligenciada, como vai ser a cultura do país? Um problema talvez seja consequência do outro.

O fato de o Brasil ficar negligenciado na imprensa americana não é nada novo: isso pode-se dizer também no que diz respeito à América Latina em geral... pois se não há terremoto ou desastre, revolução ou estupro, só o «New York Times» dá notícias sobre os acontecimentos mais destacados em toda a América Latina. O exotismo deve-se à falta de familiaridade com o país. Se o público se interessasse em ver na televisão mais do que o futebol e o crime local (há só um programa diário que dá notícias internacionais na tevê durante o dia; e sobre o Brasil, só uma menção esparsa de vez em quando)...

Um problema pior que a língua é a falta de ferramentas das ciências sociais que ajudam a explicar certos fenômenos que se encontram na literatura mas não são entendíveis sem a ajuda de informações científicas. Para estudar a macumba em Jorge Amado, por exemplo, prefiro que o estudante saiba alguma coisa dos estudos feitos por Artur Ramos, Roger Bastide («As Religiões Afro-Brasileiras»), e que tenham lido Charles Wagley, «Introduction to Brazil». Uma explicação da síntese religiosa é também precisa para entender Dias Gomes, «O Pagador de Promessas», ou até Suassuna, «Auto da Compadecida» — «Roque's Trial», em inglês. Espero que no futuro haja mais tentativa de aplicar as contribuições de todos os grupos humanos que formaram o Brasil à compreensão total do fenômeno, como Luiz da Câmara Cascudo fez nos seus fabulosos livros «História da Alimentação no Brasil» e «Dicionário de Folclore Brasileiro».

Parece que hoje todas as idéias voam com a velocidade das ondas curtas. Assim, se Guimarães Rosa parece usar e mesclar idéias religiosas e filosóficas de oriente e ocidente, como um Joyce brasileiro, se João Antonio parece tanto um Lima Barreto modernizado quanto um Céline carioca dos «bas-fonds», é devido às melhoras que houve nas técnicas modernas de comunicação, pois hoje em dia, as idéias se espalham com a rapidez do trovão. Não é como no século XIX, quando se assimilava o estrangeiro com vinte anos ou mais de atraso. Hoje, quando ocorre, a assimilação é quase instantânea. E o mundo moderno se assemelha tanto a uma paisagem de Ray Bradbury em «As Crônicas Marcianas» quanto ao mundo desolado bélico e estranhamente familiar que se encontra numa obra-prima da ciência-ficção brasileira, como «Os Planelúpedes», de Garcia de Paiva.

Prof. RON HARMON
California State University, Fullerton

1) Embora haja nos programas de Literatura nos EUA uma grande divergência de ênfase e enfoque no ensino da teoria literária, acho que ela é imprescindível para uma maior apreciação do que é literatura. Claro que quem ensina cursos de teoria deve estar sumamente preparado e prestes a apresentar de maneira objetiva, não só todos os aspectos de cada «*approach*» à crítica, sem impor nenhum, como a evolução histórica do conceito e das metas da literatura através da história ocidental e oriental. Assim, tanto aquele que lê por gosto e edificação pessoal como aquele que faz crítica poderão tirar maior proveito das suas atividades.

Qualquer crítica literária terá, forçosamente, base teórica (ou bases). Não é possível haver crítica sem partir de alguns pontos pré-estabelecidos ou subentendidos. Mas, a meu ver, o grande erro de muitos é impor a crítica a «*uma*» teoria. A criação literária não é suficientemente científica, por natureza, para encaixar-se bem em qualquer esboço teórico. Cada obra merecerá ser abarcada da maneira que melhor a esclarecer e não deverá sofrer distorção como função de «*uma*» teoria.

2) A literatura brasileira atual, em geral, não é muito conhecida nos EUA. Isso seria um luxo dadas as realida-

des do ensino do campo luso-brasileiro neste país, pois mal podemos oferecer cursos panorâmicos dos «*clássicos*» da literatura brasileira, o que seria lógico se seguíssemos a natureza da consagração crítica. Além disso o interesse de muitos alunos nos EUA está arraigado às questões sócio-políticas relacionadas com os estudos latino-americanos em geral e, portanto, o mais atual, com maior ênfase no irreal-imaginário-mágico universalista, estando sujeito à poderosa censura vigente no Brasil, não lhes atrai como, por exemplo, os romancistas de 30.

A questão total da projeção da cultura brasileira nos EUA é 99% uma função do conhecimento da língua. Sem língua não há cultura. Enquanto o espanhol e, portanto, as culturas e literaturas que atinge têm grande projeção, o Brasil e sua língua mal constituem uma parte meio nebulosa e inconseqüente da «*Latin America*». No pensar de alguns, parece, os brasileiros são esquisitos inconformados revoltados por não falarem espanhol, que é, como todo mundo sabe, a língua da «*Latin America*» monolítica advogar, recomendar, impor, institucionalizar e nutrir o ensino da língua portuguesa (e não só como fenômeno do Brasil). O resto será colher de chá.

Prof. EDGAR C. KNOWLTON, JR.
University of Hawaii, Honolulu

1) Numa universidade como a nossa, com um programa pequeno de estudos graduados (espanhol, M.A.), o ensino de Teoria não é coisa de muita importância. Para ler certas obras o professor deve dar certa orientação crítica aos alunos, mas é possível fazer isto sem base teórica explícita.

2) A literatura brasileira (atual) não se conhece bem nos Estados Unidos. Em parte isto se deve à nossa orientação européia. Também Cuba, Porto Rico, México, Panamá têm sido países com contatos mais freqüentes conosco. Em geral, até muito recentemente, a literatura das Américas não formava parte principal dos estudos acadêmicos em nosso país. A literatura francesa do Canadá, a literatura francesa do Haiti, a literatura em espanhol das Américas, dos Chicanos, a literatura do Brasil... eram literaturas que pareciam ter interesse muito especializado. Se o português motivava um estudo universitário, era em grande parte por Camões, Gil Vicente, Almeida Garrett, Herculano, e só um Goldberg ou um Putnam poderia dedicar tempo aos estudos de português. O «*boom*» da Literatura Latino-Americana era em parte para continuar o lugar bem estabelecido dos estudos hispânicos, com orientação mais prática depois do SPUTNIK, mas como o português não tem a tradição bem estabelecida que tem o espanhol, não havia professores, especialistas etc, etc. O «*hispanista*», no caso dos estudos europeus, com freqüência não conhece bem a literatura portuguesa nem tem motivo para estudar nem para lecionar o português, que não é tão fácil, talvez. Assim é que é mais fácil converter-se em hispano-americano. Alguns professores de espanhol acreditam que, se o aluno estuda português, vai piorar seu espanhol. Aqui entre nós desejam que o aluno não estude francês, nem latim, nem português (não todos, mas alguns colegas), e acredito que isto pode ocorrer em muitos casos. Quando se fala de América Latina, é fácil omitir o Canadá Francês, Haiti, o Brasil, Curaçao. Acredito que isto corresponde ao conhecimento muito mais extenso que os nossos universitários têm do espanhol. Em parte a atitude é resultado da idéia das diferenças entre o espanhol e o português, e não das semelhanças. Se os programas de espanhol contives-

sem três anos, no mínimo, de português (talvez com progresso mais rápido nos primeiros cursos), haveria mais possibilidade de ampliar o estudo da literatura e da cultura do Brasil.

3) Sei muito pouco sobre os cursos de Criação Literária e não acredito muito neles. Creio que, para ser escritor, é preciso escrever, e também que em poucos casos a universidade seria um bom lugar para a formação de um autor.

4) A relação entre a Literatura Latino-Americana e a Norte-Americana atual não é clara. Como as duas literaturas são produtos do mesmo século, é provável que tratem dos mesmos problemas, etc., e há uma tendência em considerar que o mundo é muito mais pequeno e unido do que em outras épocas. Vemos que Arthur Miller e Hemingway têm despertado o interesse de certos brasileiros e que Olinto e Jorge Amado têm atraído interesse de ingleses ou de norte-americanos. Para mim a Literatura Norte-Americana atual escrita em inglês não tem interesse; quanto à Literatura Latino-Americana, a literatura atual não tem para mim tanto interesse como a literatura mais antiga. Quero dizer, gosto muito de autores que ajudam o estrangeiro a uma compreensão de aspectos culturais do país etc. Mas os atuais... se escrevem como os Beckett, Ionesco, Cortázar etc... parecem ser mais internacionais e filosóficos ou herméticos que os mais antigos. Em parte, leio a literatura latino-americana mais pelo conteúdo que pelo interesse literário. Assim é que os pormenores do futebol brasileiro de «*O Sol Escuro*» são muito mais interessantes que o aspecto puramente literário ou estético. E uma obra sentimental, mas que faz lembrar a Praça da República de São Paulo, como «*O Palácio Japonês*», de José Mauro de Vasconcelos, para mim seria ótima para a aula universitária norte-americana. Sei que não tenho nisto o acordo de muitos colegas meus, mas acredito que a função da leitura da literatura de língua estrangeira, aqui nos Estados Unidos, não pode ser idêntica a dos estudiosos e críticos de outros países. É uma batalha constante.

Acredito também que, em geral, o crítico norte-americano não representa o público norte-americano; é uma espécie de «*snobismo*» muito natural.

Prof. ELIZABETH LOWE
Queens College, New York

1) Cursos de teoria são importantes para a orientação básica do estudante de Letras. A finalidade principal de tais cursos seria informar o aluno sobre as opções metodológicas disponíveis e encorajar uma atitude crítica frente a tais opções, com exemplos das deficiências e vantagens de cada sistema crítico. A meu ver, nenhuma teoria literária é exclusiva. Cada obra deve ser estudada pelo método que mais a ilumina, ou por vários métodos para ilustrar as possíveis leituras dessa obra. A «superada» abordagem estilística praticada por Spitzer ou Vossler, por exemplo, pode ser comparada a uma análise estruturalista de uma mesma obra com ótimos resultados.

Nem sempre é obrigatório seguir um método consagrado por escola crítica. O essencial é produzir uma análise sistemática definindo cuidadosamente os termos de análise. As disciplinadas intuições críticas muitas vezes abrem caminhos inesperados na leitura de uma obra.

O importante é deixar o texto «respirar» e falar por si mesmo. O maior desafio para o crítico é saber ler e manter-se sensibilizado a perspectivas múltiplas.

2) A literatura brasileira é pouco conhecida nos EUA fora dos departamentos de literatura e língua românica. A razão principal é a barreira lingüística. Poucos americanos sem interesse prévio no Brasil estudam português, dentro da minoria que se dedica ao estudo de línguas estrangeiras. Esta situação é agravada pelo difícil mercado de tradução nos EUA. Poucas editoras estão dispostas a «investir» na literatura brasileira, com raras exceções, como a editora Knopf. O resultado é um círculo vicioso. O autor «desconhecido» tem pouca chance de ser reconhecido apenas devido à excelência do seu trabalho. O escritor brasileiro precisa da ajuda de um agente poderoso, e também da promoção do próprio governo, o que falta à maioria dos escritores brasileiros. Os bem sucedidos autores do «boom» hispano-americano dispõem de tais vantagens. Uma terceira necessidade para entrar no mercado americano ou europeu é a presença do autor. Poucos escritores brasileiros viajam regularmente, e agora estão sujeitos a mais um obstáculo, o «depósito dos 12 mil».

A exclusão de escritores brasileiros do «boom» (que não é tão grande quanto se diz) se deve, em grande parte, na minha opinião, a uma política de exclusão praticada pelos

próprios escritores «glorificados». Vargas Llosa, García Márquez, Borges «et al». São os primeiros a excluir o Brasil de qualquer discussão da literatura «latino-americana». Alegam, quando questionados sobre o assunto, que há uma «lamentável» falta de comunicação (lingüística e cultural) entre os países hispano-americanos e o Brasil. Falam também da barreira lingüística. O que me parece mais próximo da verdade é um espírito de acirrada competição que prevalece entre estes escritores, e também uma falta de interesse no intercâmbio cultural interamericano. Por enquanto, a arena literária se encontra ainda na Europa e nos EUA.

O que se deve fazer para alterar a imagem «exótica-colonial» do Brasil é justamente desenvolver a crítica dos aspectos urbanos/cosmopolitas da própria cultura brasileira. É uma questão de marketing cultural.

3) Os cursos de criação literária certamente não fazem mal. Há muitos, é uma excelente introdução ao idioma literário. Para os escritores encorajam a disciplina e a persistência no trabalho de criação, enfim, uma atitude profissional.

4) Há inquestionavelmente uma troca literária entre a América Latina e a América do Norte. Os escritores se lêem e falam abertamente disto nas entrevistas. Sei que, com frequência, as obras de Donald Barthelme, William Burroughs, Philip Roth, Henry Miller e Saul Bellow têm exercido um papel fundamental na expressão de alguns escritores brasileiros, para não falar nos anteriores, como Hemingway, Faulkner, Dos Passos e Fitzgerald. A influência dos latino-americanos sobre os autores norte-americanos, que eu saiba, ainda não está documentada. Mas é evidente que muitos autores norte-americanos lêem os latino-americanos com grande interesse. Sei por informação do próprio Donald Barthelme que ele admira o trabalho de Rubem Fonseca.

O que acho importante é que as duas regiões repartem a experiência da grande cidade. Isto se reflete diretamente na literatura de ambas. A literatura latino-americana está se afastando dos mitos telúricos e formando novos mitos urbanos, o que paralelamente está acontecendo na literatura norte-americana. É uma boa época para estudos comparativos.

Prof. ALEXANDRINO SEVERINO
Vanderbilt University, Nashville

1) Eu creio que a teoria literária é muito importante para o estudo de literatura. Lembro-me que no tempo em que lecionava literatura norte-americana no Brasil passava horas a fio lendo e relendo todos os teóricos, principalmente os da Nova Crítica, que, como sabe, originou-se aqui mesmo na Vanderbilt. Ainda acho que ponto de vista, tempo, espaço, estrutura e forma são coisas importantíssimas para uma justa apreciação do fato literário. Mais importante ainda é o texto e toda sua construção, personagens, mitos, estrutura narrativa e, nesse âmbito, saber simplesmente o que o texto diz. É surpreendente o número de pessoas que não lê o livro com a devida atenção e se deixa levar pelos próprios pensamentos. Por isso que, à medida que vou ficando mais velho, mais me vou distanciando dos problemas formais, para me concentrar no significado do texto, dele mesmo, com todas as suas relações. Leitura atenta, bagagem cultural vasta, amor pelas coisas literárias, crença que a literatura tem algo a comunicar, que é uma forma de saber, isso é que me parece importante.

2) O problema principal a ser levado em conta quando se tenta explicar a razão da parca disseminação da Literatura Brasileira nos Estados Unidos é, a meu ver, o número reduzido de professores de português. Mas ainda, entre os professores de português existentes, são poucos os que se dedicam ao ensino e pesquisa no campo da literatura. A

falta de divulgação de nossas coisas se reflete no fato de que não temos ainda uma associação de professores de português, dependemos em tudo do espanhol, as dificuldades de publicação são enormes; quem quer se aventurar nestes dias de contenção econômica a publicar um livro de crítica para um público estudantil que não excede a cinco mil? Há muito que penso que os professores de português que militam no campo da literatura, seja brasileira, seja portuguesa, deveriam se unir, executar projetos literários, divulgar fontes de publicação, fazer com que um livro brasileiro depois de publicado em tradução seja resenhado em revistas de destaque, enfim, impedir que passe em brancas nuvens como tem acontecido quase sempre.

3) Em parte. O escritor não precisa de ser ensinado, ele mesmo precisa possuir algo indefinível, que não se ensina; aliás, nem a literatura se ensina, apesar de toda a teoria. Por outro lado, vários escritores têm sido ajudados por esses cursos, haja visto o exemplo de Thomas Wolfe em Harvard.

4) Há uma relação. Há uma mesma preocupação com o indivíduo, o estar no mundo, muito mais que com o modo de viver, o social. Curioso o número de escritores de ascendência judaica nos dois países e sua contribuição ao romance culto, intelectual, para não dizer erudito. Falo da Literatura Brasileira e Norte-Americana, pois não conheço o suficiente a de Hispano-América para opinar.